

DESAFIO E AVANÇOS NA INCLUSÃO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DA MONITORIA COM ALUNOS SURDOS

BRUNO SALVADOR METZELTHIN¹
LETÍCIA MARIA PASSOS CORRÊA²

¹ Universidade Federal de Pelotas - contatobrunosalvador@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas - leticiampcorrea@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de uma monitoria realizada no semestre de 2023/2 na Turma 4 da disciplina “Fundamentos Sócio-Histórico-Filosóficos da Educação”, ministrada pela professora doutora Letícia Maria Passos Corrêa, no segundo semestre do curso de Letras Libras/Literatura Surda da UFPel, o qual pretende formar professores de Libras e de Literatura Surda para atender às demandas da educação de surdos, não só na Região Sul, como também em todo o país, tendo em vista a recente legislação que aborda a educação bilíngue de surdos (Lei Federal nº 14.191/2021 que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996). Tal formação deve ser destacada e conhecida pela comunidade por seu mérito como meio inclusivo e formador, com enfoque na comunidade surda. A turma contava com quinze alunos, dentre eles seis surdos (alguns oralizados) e nove ouvintes.

A disciplina também foi ofertada no banco universal, onde a Turma 6 conta com a maioria dos discentes pertencentes ao curso de Ciências Sociais, cursando o segundo semestre, o qual possuía um total de 39 discentes matriculados.

Somando as duas turmas, totalizaram-se 54 alunos, todos com suas especificidades. Sendo assim, a importância do monitor em realizar a mediação necessária para lidar com cada estudante para que fosse possível cumprir seu papel com êxito, atendeu as expectativas previamente estabelecidas.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

Na Turma 4, ministrada ao Curso de Letras Libras/Literatura surda, houve a necessidade de adaptar diversos materiais visuais, como slides e impressões, que precisavam ser cuidadosamente elaborados para atender às necessidades específicas de um aluno surdo. Nesse processo, tornou-se fundamental compreender a relevância dos contrastes, a escolha adequada de cores e fontes, além da inclusão de elementos visuais ilustrativos que pudessem facilitar a compreensão e o entendimento do conteúdo por parte dos estudantes. Esses cuidados foram essenciais para garantir que as informações fossem acessíveis e claras, contribuindo significativamente para o sucesso do aprendizado.

Além disso, houve a necessidade de adaptar não apenas os materiais, mas também os métodos avaliativos e a didática utilizada em sala de aula. Em uma turma composta por seis alunos surdos, dentre eles uma aluna com baixa visão, e um grupo de discentes ouvintes, tornou-se imprescindível um olhar mais atento e sensível às demandas particulares de cada aluno. A diversidade de perfis exigiu a criação de estratégias pedagógicas inclusivas que considerassem as diferentes formas de percepção e comunicação.



Já na Turma 6, durante o período de monitoria, as atividades estiveram ligadas à resolução de dúvidas sobre os temas abordados, esclarecimento das propostas avaliativas e auxílio nos estudos para um bom êxito na disciplina. Durante a experiência, percebeu-se intrinsecamente presentes às dificuldades no caráter estrutural, tornou-se possível notar questões como a vulnerabilidade e desigualdade social, onde alunos precisavam sair mais cedo para que fosse possível ter acesso ao ônibus para retornarem aos seus lares, enquanto outros possuíam o privilégio da carona ou o de pedir um motorista de aplicativo. Infelizmente, são proporcionalmente perceptíveis os problemas que alguns alunos tiveram quanto à dificuldade com o uso das tecnologias em decorrência de suas idades, evidenciando o etarismo presente no meio universitário.

A turma também contou com a presença da mestrandona Mayara Cristina Vargas, aluna do PPGE (Programa de Pós-Graduação em Educação) da UFPEL, orientanda da professora doutora Neiva Afonso Oliveira. A bolsista realizou seu estágio docente durante o semestre, auxiliando com desenvolvimento das aulas, atividades realizadas e correção das tarefas da disciplina.

Para isso, foi preciso transcender os meios de comunicação tradicionais e impessoais, como e-mails ou mensagens de WhatsApp, buscando criar momentos mais pessoais e interativos. Foram estabelecidos horários específicos para a retirada de dúvidas e esclarecimento de propostas, permitindo um acompanhamento mais próximo e individualizado. Avaliações diversificadas, como apresentações de seminários, utilização de apostilas para as leituras, incluindo material adaptado para a aluna com baixa visão, também se destacaram como importantes ferramentas de interação e avaliação do progresso dos alunos.

Durante as aulas, outras estratégias de interação foram utilizadas, como atividades tátteis, entre elas o uso do "Caleidoscópio", que possibilita uma experiência sensorial rica e inclusiva. O uso de plataformas como o *Kahoot* também se mostrou eficaz, tanto como uma forma descontraída de "quebra de gelo" sobre determinados assuntos quanto para a fixação dos conteúdos trabalhados até então. Por fim, a realização de perguntas e respostas foi um recurso valioso para estimular discussões entre os alunos, permitindo que eles compartilhassem suas vivências e experiências, criando um ambiente colaborativo e de aprendizado mútuo. Essas discussões, por sua vez, serviram como ponto de partida para a introdução e desenvolvimento dos temas abordados nas aulas, tornando o processo de ensino mais dinâmico e inclusivo para todos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, os resultados extremamente positivos obtidos ao final dos processos avaliativos permitiram concluir que o principal objetivo da disciplina fosse alcançado. Os alunos, em suas apresentações, demonstraram com clareza não apenas seus entendimentos teóricos sobre os temas abordados, mas também a capacidade de aplicar esse conhecimento de forma prática e crítica. No entanto, apesar do sucesso observado, o processo de ensino-aprendizagem evidenciou questões mais profundas que merecem uma reflexão crítica, especialmente no que diz respeito à inclusão e acessibilidade no contexto acadêmico.

Um dos pontos mais marcantes revelados durante esse percurso foi a percepção da real necessidade de processos de inclusão efetivos dentro da sociedade, com destaque para o ambiente acadêmico. No que se refere à Turma

6, as questões da desigualdade e vulnerabilidade foram evidenciadas, para além do etarismo entre as relações tecnológicas no processo de ensino-aprendizagem. Assim, a presença de um suporte, tanto o monitor quanto a mestrandona, foram de extrema importância para sanar os déficits ocasionados pelas problemáticas presentes, desde questões conteudistas até psicológicas dos discentes, os quais solicitaram o devido auxílio para que pudessem obter êxito na disciplina. Sempre com um intuito maior, conseguir vencer as barreiras da sociedade, alcançar o título da graduação e tentar alterar a realidade a qual se vive, lutando por uma vida com dignidade, na tentativa de tornar igualitárias as oportunidades de uma ascensão econômica que possibilite ao indivíduo atingir o tão sonhado bem estar social.

Quanto à Turma 4, suas questões estavam relacionadas à deficiência auditiva e à exclusão social. Sobre esse cenário, a presença e a valorização dos Técnicos Intérpretes de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) surgem como fatores essenciais para garantir a acessibilidade e a participação plena dos alunos surdos nas atividades pedagógicas. Ainda que os intérpretes tenham cumprido um papel fundamental, a carência de recursos, o despreparo de algumas instituições e a desvalorização desses profissionais, mediante ao processo de desregulamentação da profissão realizada no governo do Estado de 2018 a 2022, demonstram que há um longo caminho a ser percorrido para que a inclusão seja uma realidade plena.

É preciso reconhecer que a simples presença de intérpretes de LIBRAS em sala de aula, embora importante, não é suficiente para garantir uma inclusão real e transformadora. Muitas vezes, o trabalho desses profissionais é subvalorizado e tratado como uma ação secundária, quando deveria ser central nas práticas pedagógicas inclusivas. Além disso, o fato de depender apenas de intérpretes reflete uma lacuna maior no sistema educacional: a falta de uma cultura institucional que incorpore a acessibilidade como elemento intrínseco do processo educativo, e não como uma medida corretiva ou pontual. Isso exige a criação de políticas mais robustas, que promovam não apenas a formação continuada desses profissionais, mas também o seu reconhecimento e valorização dentro do ambiente acadêmico.

Outro ponto importante a ser discutido é a necessidade de considerar a LIBRAS como um bem universal, que deve ser ensinado e disseminado amplamente. No entanto, o ensino da língua de sinais ainda enfrenta muitos obstáculos, tanto no que diz respeito à sua difusão nas escolas e universidades, quanto no preconceito que ainda persiste em alguns setores da sociedade. A ideia de que a língua de sinais deve ser aprendida apenas por pessoas surdas ou por aqueles que convivem diretamente com elas precisa ser desmistificada. O aprendizado de LIBRAS deve ser visto como uma ferramenta de comunicação acessível a todos, contribuindo para a quebra de barreiras entre surdos e ouvintes, além de fomentar uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

Esse ponto levanta uma questão crítica: por que a LIBRAS ainda não é amplamente ensinada como parte integrante do currículo escolar e universitário? Tal inclusão seria um passo significativo para promover a conscientização sobre as barreiras enfrentadas pela comunidade surda e para formar cidadãos mais preparados para lidar com a diversidade. No entanto, esse movimento requer um esforço conjunto entre governo, instituições de ensino e sociedade civil, no sentido de reconhecer a língua de sinais como parte integrante do patrimônio linguístico e cultural do país.

Ademais, a inclusão efetiva vai muito além da língua de sinais. A criação de ambientes verdadeiramente inclusivos depende de mudanças estruturais e culturais profundas, que envolvem não apenas a adaptação de materiais e metodologias de ensino, mas também uma mudança de mentalidade entre professores, alunos e gestores. É necessário repensar as práticas pedagógicas e avaliativas para que elas contemplam as diferentes formas de aprender e de se comunicar, promovendo uma educação que seja, de fato, para todos.

Portanto, embora os resultados da disciplina tenham sido positivos e o objetivo formal tenha sido alcançado, é crucial que as lições aprendidas nesse processo sejam levadas adiante e aplicadas de forma mais ampla. A inclusão não pode ser tratada como um objetivo pontual ou uma meta de curto prazo. Ela deve ser encarada como um compromisso contínuo, que exige ação, reflexão e mudanças estruturais profundas. Apenas assim será possível garantir que a educação seja verdadeiramente acessível e inclusiva, não apenas para os alunos surdos, mas para todos aqueles que enfrentam barreiras sociais no processo de aprendizagem.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofando: introdução à filosofia**. 3 ed. São Paulo: Moderna, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2003, 2005, 2008.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **Filosofia e história da educação brasileira da Colônia ao governo Lula**. São Paulo: Manole, 2009.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa; SANTOS, Lara Ferreira dos. **Tenho Um Aluno Surdo, e Agora? Introdução à LIBRAS e educação de surdos**. São Carlos: EdUFSCar, 2013.

LOPES, Paula. **Educação, Sociologia da Educação e Teorias Sociológicas Clássicas: Marx, Durkheim e Weber**. Repositório Institucional da Universidade Autónoma de Lisboa, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/191/1/educacao-sociologia-daeducacao-e-teorias-sociologicas.pdf>>. Acesso em: 17 dez. 2023.

LUCKESI, Cipriano. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Filosofia da educação: construindo a cidadania**. São Paulo: FTD, 1994